

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO – HABILITAÇÃO JORNALISMO

João Ricardo Gazzaneo Schmitt

O JORNALISMO ALÉM DA REDAÇÃO
Histórias de vida

Porto Alegre – RS

2012

João Ricardo Gazzaneo Schmitt

O JORNALISMO ALÉM DA REDAÇÃO

Histórias de vida

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação – habilitação Jornalismo

Orientador: Prof. Mário Eugênio Villas-Boas da Rocha

Porto Alegre – RS

2012

JOÃO RICARDO GAZZANEO SCHMITT

O JORNALISMO ALÉM DA REDAÇÃO: Histórias de vida

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação – habilitação Jornalismo

Aprovado em:

Prof. Ms. Mário Eugênio Villas-Boas da Rocha - orientador
UFRGS

Prof. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus
UFRGS

Prof. Dr. Ilza Maria Tourinho Girardi
UFRGS

AGRADECIMENTOS

A meus pais, muito do mais que pela vida, mas por terem me tornado gente.

A minha família, pelo apoio incondicional.

Às amigas Maíra, Viviane, Renata, Évelin, Gabriela e Natália pela companhia de sempre.

Aos demais amigos que acompanharam o drama desta produção.

Às professoras Sandra e Ilza pela honra de terem aceitado o convite para a banca.

A meu orientador, Mário Rocha, pela paciência, compreensão e força.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar e contar histórias de jornalistas que encontraram alternativas para exercer a profissão fora das redações dos veículos tradicionais de imprensa. Para tal, faz previamente uma retomada do processo de profissionalização dos jornalistas, bem como discute a formação acadêmica e o mercado do trabalho no estado do Rio Grande do Sul. Após, relata as histórias e compara aspectos semelhantes e distintos na trajetória dos jornalistas Julio Ribeiro, José Aveline Neto e Rosina Duarte.

Palavras-chave: jornalismo , formação , mercado , história de vida , Julio Ribeiro , José Aveline Neto , Rosina Duarte

ABSTRACT

This study aims to identify and tell stories of journalists who have found alternatives so as to practice their profession outside the newsrooms of traditional media vehicles. In this regard, it makes an account of the professionalization process of such journalists, as well as discusses the academic education and the job market in the state of Rio Grande do Sul. Thereafter, it reports the stories of and compares similar and diverse aspects in the paths of journalists Julio Ribeiro, José Aveline Neto and Rosina Duarte.

Keywords: journalism, education, job market, life story, Julio Ribeiro, José Aveline Neto, Rosina Duarte

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
SUMÁRIO	7
1 INTRODUÇÃO	8
2 PROFISSÃO JORNALISMO	11
2.1 PROFISSIONALIZAÇÃO.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.2
2.2 FORMAÇÃO ACADEMICA	15
2.3 MERCADO DE TRABALHO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3 OS REBELADOS	22
3.1 O VÍRUS DO EMPREENDEDORISMO	22
3.2 GOOOL DO JORNALISMO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.3 PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO.....	35
4 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS REBELADOS	46
CONCLUSÕES.....	52
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Existe vida inteligente fora da redação? A pergunta é simbólica, mas a questão motiva inúmeras discussões no meio profissional dos jornalistas. Infindáveis são os debates sobre quem pode fazer jornalismo, onde devem trabalhar os profissionais e até mesmo se o jornalismo é uma profissão. Motivados por questões como essas e pela insatisfação com a prática que é observada no dia a dia nos grandes veículos da imprensa tradicional, vamos neste estudo discutir a profissionalização, a formação e o mercado de trabalho, bem como buscar e contar histórias de profissionais que encontraram alternativas para exercer a profissão.

Nosso objetivo é identificar diferentes maneiras de se trabalhar o jornalismo fora das redações da grande mídia. Relatamos a vida de alguns desses profissionais, suas relações com o campo jornalístico, opiniões sobre a área, dificuldades para chegar onde estão; enfim, contar suas histórias.

Para tal, o método escolhido é história de vida. Por meio de questionários semi-estruturados, realizamos entrevistas em profundidade com três jornalistas de destaque no Rio Grande do Sul. A abordagem busca relatar as percepções do entrevistado.

A história de vida atende mais aos propósitos do pesquisador que do autor e está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre o mundo. [...] (o pesquisador) interroga sobre fatos que requerem esclarecimento, [...] ele enfatiza o valor da perspectiva do ator por aceitar que a compreensão do comportamento de alguém só é possível quando este comportamento é visto do ponto de vista do ator (HAGUETTE, 2005, p. 80 e 81)

Nossos escolhidos para o trabalho são o jornalista Julio Ribeiro, fundador e diretor da Revista Press & Advertising. Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1988, atuou em campanhas políticas, foi assessor de imprensa da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, consultor de marketing e criou diversos jornais e revistas, sendo a principal e mais duradoura a que dirige atualmente. Criou também o Prêmio Press, um dos de maior destaque no estado.

Contamos também a história de José Aveline Neto, criador e diretor da revista Gool. Sem formação universitária em jornalismo, aprendeu com o pai os valores da profissão. Criou a publicação esportiva há 29 anos devido à insatisfação com as publicações da área e segue à frente do projeto até hoje.

Falamos ainda com Rosina Duarte, uma das fundadoras da ONG Alice (Agência de Livre Informação, Cidadania e Educação). Formada pela PUC em 1980, Rosina trabalhou por 15 anos em veículos tradicionais de imprensa, mas sua insatisfação a levou a criar a ONG. Há 13 anos dedica-se a projetos sociais que atendem a moradores de rua, como o jornal Boca de Rua, prostitutas, mulheres da terceira idade e familiares de vítimas da ditadura.

A amostra é intencional, não probabilística, e foi definida pela percepção pessoal da contribuição dos entrevistados ao jornalismo gaúcho e por atuarem em diferentes projetos de comunicação que apresentam em comum a marca do empreendedorismo. O presente trabalho acadêmico de conclusão de curso está caracterizado como um estudo exploratório de natureza qualitativa.

Este estudo tem como principal referência teórica a obra do jornalista português Nelson Traquina “Teorias do Jornalismo – porque as notícias são como são”. Traquina discute conceitos básicos do jornalismo, o processo de profissionalização, as teorias do jornalismo e o que define por notícia. Trabalharemos também com autores como Ciro Marcondes Filho, José Marques de Melo e Felipe Pena. Buscaremos ainda opiniões sobre a formação acadêmica, a obrigatoriedade do diploma e o que diz o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul sobre o mercado de trabalho.

No capítulo 2, fazemos um relato do processo de profissionalização em que se centram os jornalistas há cerca de 50 anos. Também discutimos aspectos da formação acadêmica na área de Jornalismo e o panorama do mercado de trabalho atual no Rio Grande do Sul.

No capítulo 3, apresentamos as histórias de vida de Julio Ribeiro, José Aveline Neto e Rosina Duarte. Contamos como foram suas trajetórias profissionais até a posição em que estão hoje, as motivações que os levaram até o jornalismo, dificuldades encontradas no caminho, percepções acerca do Jornalismo, visão do mercado, realização profissional, entre outros aspectos.

No capítulo 4, comparamos as três histórias. Apontamos o que há de semelhante e no que diferem as percepções dos personagens sobre a profissão. Indicamos questões de suas trajetórias até o Jornalismo, bem como impressões e opiniões pessoais de cada história contada.

Na conclusão, apresentamos o que foi possível aprender a partir das discussões propostas e das histórias contadas neste estudo.

2 PROFISSÃO JORNALISMO

Para pensarmos o jornalismo em sua essência, o fazer jornalístico, a preparação adequada e o mercado de trabalho, é fundamental termos em mente alguns aspectos importantes.

Felipe Pena afirma que o Jornalismo nasce do medo que o ser humano tem do desconhecido. Para o autor, ao longo de sua existência, o homem criou formas de chegar o mais próximo possível da onisciência.

Não basta produzir cientistas e filósofos ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso denominar Jornalismo. (PENA, 2005, p. 23)

José Marques de Melo diz que a Comunicação é o alicerce da vida em sociedade. Ressalta que não é, porém, apenas a troca de informações entre indivíduos de mesma geração, mas também para as futuras. O autor afirma que tal processo evolui conforme vai evoluindo a organização das sociedades. “A imprensa situa-se nesse panorama como a fase extrema da cultura alfabética”. (MELO, 2003, p. 33).

Conforme Nelson Traquina, o jornalismo só pode existir em uma democracia, em um governo livre: “Jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia.” (TRAQUINA, 2005, p. 23).

A liberdade é a base do Jornalismo. Mesmo tendo, porém, uma liberdade real, é iminente a questão de até que ponto são livres os jornalistas. Traquina fala em uma “autonomia relativa”, estando nós sujeitos a fatores como o tempo limitado, as hierarquias superiores dentro das empresas, pelo jornalismo como negócio (a ânsia de vender), a competitividade e ainda a ação de agentes sociais e seus interesses. A luta pela liberdade de imprensa é inerente ao jornalismo.

2.1 Profissionalização

Uma batalha que se estende ao longo da história da categoria é o reconhecimento enquanto profissão. Pode-se dizer que data de meados do século XIX o início desta busca – e a questão se mantém ainda nos dias atuais.

Historicamente, os jornalistas foram pouco prestigiados, fosse pelo reconhecimento da sociedade, fosse por aspectos práticos, como empregos instáveis e baixos salários. Como aponta o sociólogo norte-americano Michael Schudson

O jornalismo não é uma das profissões consideradas... O jornalismo está mais bem estabelecido agora mas ainda não está entre as profissões respeitadas. Apesar dos jornalistas na Europa, nos Estados Unidos, e noutros locais se terem associado aos ricos e poderosos, nunca foram respeitados por eles. (SCHUDSON, 1983, p. 1 apud TRAQUINA, 2005, p. 75)

A maneira de se fazer crescer o prestígio era a profissionalização.

A história do jornalismo é marcada pela pergunta se seria ele uma profissão ou apenas um emprego. Segundo Traquina, “a resposta é claramente um ‘não’ categórico durante a maior parte do século XIX.” (TRAQUINA, 2005, p. 91). O argumento da época era a falta de uma preparação, de uma certificação para que se pudesse atuar – bastava um acordo entre patrão e empregado.

Traquina (2005) discute aspectos que caracterizem uma atividade como profissão. Ele destaca o distanciamento e a imparcialidade, segundo os quais um profissional evita interferências pessoais nas suas relações. Ele aponta também o universalismo, visto que todos os clientes devem ser tratados de maneira igualitária. Uma profissão deve estar assentada na autonomia e na independência. Outro conceito ligado, ainda, é o do interesse público, que deve prevalecer sempre sobre o pessoal.

A expansão da imprensa na época deu aos jornalistas a oportunidade dessa busca. Tal expansão, garantida pela liberdade de expressão, ocorre ao longo do século XIX. “A imprensa norte-americana sofre igualmente ao longo deste século um processo de despolitização.”

(TRAQUINA, 2005, p. 41). O jornalismo deixa de ser partidário para ser informativo. O setor passa a se manter por si só, sem depender de apoio dos governos. A evolução tecnológica permite um aumento de circulação dos meios. Paralelamente, cresce também o número de leitores, à medida que aumenta o número de pessoas alfabetizadas que buscam a informação.

O passo inicial foi a criação de associações, sindicatos, clubes, etc. Nos Estados Unidos, o primeiro clube foi criado em 1867 em Washington. Na Inglaterra, a primeira associação data de 1884. Alguns anos depois começaram as primeiras movimentações internacionais da categoria.

Outro ponto importante nesse processo era o desenvolvimento da formação de profissionais. Para haver o reconhecimento como profissão, era pulsante a necessidade do ensino para a atuação. Estados Unidos e França foram os países pioneiros do ensino na área. Os norte-americanos começaram com a prática na década de 1860. Inicialmente, o estudo baseava-se “no treino e da escrita e da edição” (TRAQUINA, 2005, p. 84), e estava enquadrado junto ao departamento de inglês. Nos anos seguintes, foi-se estabelecendo em departamentos e escolas de jornalismo independentes.

Já nas décadas iniciais do século XX, o jornalismo passa a ser colocado em algumas universidades nas Ciências Sociais, e não mais nas Humanas, fato que se expandiu pelo país e trouxe mudanças significativas no ensino e na pesquisa da área. Com isso, começou “a ser dada maior ênfase às formas de observar o mundo, e de registrar e analisar sistematicamente tais observações.” (TRAQUINA, 2005, p. 85). Desenvolveram-se também a partir da década de 40, também, os programas de mestrado e doutoramento em jornalismo.

Outro aspecto relevante é o surgimento de códigos deontológicos. Tais preocupações surgem no fim do século XIX, mas são desenvolvidas em essência no século XX. Os livros de jornalismo norte-americanos da época chegavam a ensinar os estudantes a ‘florear’ os fatos para oferecer algo a mais aos leitores. O primeiro código foi criado na Suécia e data de 1900, mas começou a ser usado apenas em 1920.

Os códigos deontológicos são reconhecidos pelos estudiosos como indispensáveis para a atribuição de uma profissão. Escreve Traquina que

O código deontológico não define apenas normas para os membros da comunidade, mas esboça também todo um *ethos* para os membros composto

por conceitos básicos como o universalismo (todos os clientes são tratados sem discriminação), o distanciamento (nenhum interesse próprio influencia as ações do jornalista), um princípio de equidistância em relação aos diversos agentes sociais (designado como imparcialidade ou objetividade do profissional), e o ideal de serviço à comunidade. (TRAQUINA, 2005, p. 119 e 120)

Temos, ainda, a questão da autoridade profissional e de um saber sistemático que se desenvolvem ao longo do mesmo período. Para Traquina, é com o estabelecimento do *lead* como uma convenção da categoria que as podemos identificar. Os jornalistas passam a reivindicar o monopólio do saber, indicando, então, a estruturação do jornalismo enquanto uma profissão.

Surge daí uma identidade profissional que pode estreitar o que é o fazer jornalístico, qual o espaço que deve ser ocupado pelo jornalista. Uma construção baseada em valores, crenças e símbolos comuns e que estabelece um modo de agir, um modo de executar. Há a formação de uma cultura profissional, fundamental no objetivo de ser reconhecido como profissão.

Para Traquina (2005), ser jornalista é compartilhar essa identidade profissional, mas também crer em alguns valores básicos. O primeiro deles é a liberdade: como já citado, não pode existir jornalismo sem liberdade. É esta uma premissa básica para que ele exista. Posto isso, é essencial o perceber a importância da autonomia e da independência em relação a agentes sociais. Tais fatores são básicos para outro aspecto da profissão, a credibilidade. O público não irá crer se perceber um jornalismo comprometido ou superficial.

Não se pode deixar de lado, ainda, a questão da verdade. Conforme apontou o jornalista José Pedro Castanheira, presidente da Comissão Organizadora do Terceiro Congresso de Jornalistas Portugueses, ao criticar o código deontológico português por não se referir à verdade

Sabemos que a verdade é um valor inatingível; que não há uma verdade absoluta; que muitas vezes a Verdade, em caixa alta, é composta de várias verdades em caixa baixa. Não basta gritar bem alto o dever de cada jornalista de não mentir, de não enganar, de não falsear. Há que ir mais longe, seguir os exemplos dos códigos de todo o mundo e proclamar, de forma inequívoca e solene, o dever de cada jornalista de perseguir, de procurar a verdade, de informar a verdade. (CASTANHEIRA apud TRAQUINA, 2005, p. 134)

Sobre a verdade, Caio Túlio Costa (2009) coloca que “não é à toa que palavras caras ao jornalismo, como averiguar, verificar, veredicto, verossímil, verossimilhança, remetem à verdade”. O autor destaca ainda que no dia a dia do jornalismo, o que se é considerado como verdade gera decisões que podem ser irreversíveis.

Para Traquina, não se pode dizer, mesmo nos dias de hoje, se o jornalismo é uma profissão apenas com um “sim” ou “não”. Para ele, é utópico afirmar neste início de século XXI categoricamente que sim, pois pode ser jornalista quem quiser. No Brasil, inclusive, em junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal estabeleceu a não obrigatoriedade do diploma universitário para a atuação no mercado de trabalho. O que se pode dizer com certeza é que o jornalista tem sim se envolvido ao longo dos últimos 150 anos em um processo de profissionalização, se afastando de ser identificado como um simples empregado.

2.2 Formação

Conforme aponta Traquina (2005), a preparação formal para jornalismo no Ensino Superior iniciou-se na década de 1860. A pioneira foi a norte-americana Universidade Washington e Lee, que baseava seu curso no ensino da impressão. O conhecimento era transmitido por antigos profissionais dos jornais. A formação direcionou-se para o treino da escrita, como já mencionado, inicialmente nos departamentos de inglês e, posteriormente, em departamentos próprios.

Com o distanciamento das Ciências Humanas e a aproximação das Sociais no começo do século XX, o foco da formação migrou para maneiras de observar, registrar e analisar os fatos.

No Brasil, as discussões na área remontam do início do século XX, quando os profissionais que atuavam no país começaram a cobrar a formação universitária para o exercício do jornalismo. A primeira escola de Jornalismo criada no Brasil foi a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, fundada em 1947 em São Paulo. Em 1969, os jornalistas conseguiram que para se obter o registro profissional fosse exigido o curso superior na área.

No Rio Grande do Sul, o primeiro curso foi criado em 1949 na Pontifícia Universidade Católica (PUC). O curso foi aprovado em 1951 e passou a operar em 1952. Atualmente, existem 21 cursos de Jornalismo no estado.

Relação dos cursos de Jornalismo (RS) e o número de alunos

Curso	Nº de alunos
PUCRS	700
Unisinos	635
UCS	290
UFRGS	270
Feevale	250
UPF	230
Unifra	223
Ulbra	200
UcPel	180
Unipampa	168
IPA	160
UFSM/Cesnors	160
UNISC	135
UFPEL	130
UFSM	120
Univates	120

Unijuí	97
Urcamp	96
Unicruz	80
ESPM	50
UniRitter	Não divulgado

Fonte: Zero Hora, 4/05/2012.

Em 1997, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) lançou, em conjunto com a Associação Brasileira de Escolas de Comunicação (ABECOM), e Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação (ENECOS) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), o *Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo*. O documento, atualizado em 2008, apresenta diretrizes para o ensino na área.

Sem submeter-se aos rigores metodológicos próprios da ciência, o jornalismo pode e deve perseguir um elevado grau de objetividade no registro e interpretação dos fatos sociais tendo, inclusive, a prerrogativa de amparar-se no conhecimento científico existente. O jornalismo, operando uma ruptura com a linguagem especializada da ciência, pode contribuir para a sua tradução pública, de modo a qualificar o senso comum. (...) Só a formação através de um curso superior específico pode tornar consistente a abordagem da multiplicidade dos aspectos filosóficos, teóricos, culturais e técnicos envolvidos na formação dos jornalistas, bem como propiciar que, através da reflexão acadêmica e da prática política e técnica, sejam equacionadas as demandas da sociedade em relação à atuação dos profissionais jornalistas. A formação dos jornalistas deve ser concebida a partir da percepção do seu papel singular de produtor de conhecimento e de cultura, através de uma atividade profissional especializada na formulação, seleção, estruturação e disponibilização de informações que são usadas pelos indivíduos para perceberem a realidade e situarem-se diante dela. (FENAJ, 2008, p. 4)

KARAM (2003) considera que devem integrar os currículos dos cursos disciplinas de teoria, estética e ética do jornalismo. Além disso, para o autor, é importante que todas as áreas do conhecimento sejam, potencialmente, objetos do jornalismo, tanto em disciplinas gerais, como específicas. “Do contrário, os cursos formariam editorialistas e donos da mídia, o que

não é sua função. Aliás, talvez seja o mais fácil: dar opinião e, mais fácil ainda, opinião sem fundamento algum”.

Karam aponta também para a relevância do aprofundamento no estudo dos limites éticos para o exercício da profissão. É necessário, segundo ele, identificar problemas existentes e suas potencialidades.

Para PENA (2008), a teoria é parte fundamental da formação de um jornalista. “(Teoria do Jornalismo) deve ser incorporada aos currículos das escolas de Jornalismo como um conjunto de metodologias e conceitos estudados a partir da investigação científica”. Para o autor, a disciplina deve ocupar-se de por que as notícias são como são e qual efeito elas geram. Segundo ele, tal preparação é base para o pensamento crítico.

Ciro Marcondes Filho aponta para o perigo da precariedade da formação e o que isso acarreta:

O mundo caminha em descompasso da formação do jornalista: uma realidade cada dia mais complexa, uma formação cada vez mais precária. É exatamente o paradoxo de uma época e, ao mesmo tempo, o testemunho da inevitável superação desses profissionais. Quanto mais se tem acesso ao número cada vez maior de informações pelas tecnologias comunicacionais (...), tanto mais clara é a exposição de sua ignorância. (FILHO, 2002, p. 64)

O autor registra também os entraves que existem entre os que têm o poder do mercado e a academia:

Os donos de jornais, por seu turno, criticam as escolas de comunicação propondo algo igualmente equivocado. Com desculpa de que as escolas não formam “bons profissionais” e que dão “só teoria” (como se teoria fosse algo estranho à formação universitária ou à necessidade profissional), iniciam adestramentos intensivos no estilo e no formato de seu jornal ou revista, estreitando ainda mais o campo de conhecimento dos iniciantes. (FILHO, 2002, p. 65)

Para além da academia, Ciro Marcondes conclui que “nenhum bom jornalista irá se firmar profissionalmente se não tiver uma boa cabeça (...) uma base intelectual que suporte as turbulências da profissão” (2002).

O autor ressalta ainda que a boa qualidade da formação não é uma prioridade para todos. “No meio jornalístico impera o imediatismo e hoje, mais do que nunca, a sobrecarga do trabalho relega essa questão a segundo plano”. (FILHO, 2002, p. 66)

Em 17 de junho de 2009, gerou polêmica a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) do Recurso Extraordinário (RE) 511961, que dispõe sobre a inconstitucionalidade da exigência de diploma universitário para o exercício do jornalismo. O tribunal julgou tal exigência como inconstitucional.

LAGES e REIS (2010) apontam como argumentos favoráveis ao diploma que o público tem direito a informação de qualidade e que esta depende das boas práticas profissionais e de conhecimentos técnicos que só podem ser adquiridos com a formação acadêmica específica. Os autores citam a posição da advogada Gracie Maria Mendonça, da Advocacia-geral da União, que questiona se alguém se entregaria na mão de um médico ou de um piloto não formado. O presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, José Ernesto Viana, afirmou que “a decisão do STF irá derrubar todas as conquistas que os jornalistas brasileiros tiveram ao longo das últimas décadas, acarretando muitos prejuízos aos profissionais dessa área, o que provocará inclusive a redução de salários” (LAGES e REIS, 2010, p. 63).

O ministro do STF Marco Aurélio Mello votou a favor da obrigatoriedade do diploma. Mello afirmou que os profissionais graduados estão mais preparados para prestar serviços de interesse da sociedade.

Os argumentos contrários à obrigatoriedade da formação acadêmica baseiam-se num possível cerceamento do direito de livre expressão. Outro ponto defendido é de que, para o exercício da profissão, são necessários valores éticos e culturais que poderiam ser construídos pela experiência de vida, e não necessariamente por um curso de jornalismo.

Para os ministros do STF, prevaleceu a segunda posição e, desde então, não é obrigatório o curso superior para o exercício do jornalismo no Brasil.

Neste momento, tramita no Senado Federal a PEC 33/09, conhecida como a “PEC dos Jornalistas”. A proposta restabeleceria a obrigatoriedade do diploma para o exercício da

profissão. Entidades como a Federação Nacional dos Jornalistas, os Sindicatos de Jornalistas e diversos profissionais se mobilizam para pressionar os parlamentares a aprovarem a proposta.

2.3 Mercado de trabalho

Um levantamento extra-oficial do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul aponta que hoje existam 12 mil profissionais registrados atuando no estado. Desse total, cerca de 70%, ou seja, em torno de nove mil profissionais, trabalham em assessorias de comunicação. Os outros 30%, três mil jornalistas, trabalham em veículos de comunicação. Destes, não se tem o dado de quantos estão nos veículos tradicionais e quantos em veículos alternativos. Os dados são do presidente do Sindicato, José Maria Rodrigues Nunes. (NUNES, 2012). Ele afirma que uma pesquisa oficial está sendo feita pela Federação Nacional dos Jornalistas em parceria com os Sindicatos e executada pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Outro dado estimado pelo Sindicato gaúcho é o de pessoas que trabalham como jornalistas sem o diploma de nível superior. “Desde 2001, em um levantamento o sindicato contabilizou um total de duas mil pessoas com registros precários no estado. Acreditamos que após a decisão do STF em 2009 (que desobriga o diploma para exercício da profissão) esse número tenha dobrado” (NUNES, 2012). José Nunes destaca que, em geral, os grandes veículos seguem exigindo a formação universitária para contratação de funcionários. Segundo ele, a maioria desses profissionais encontra espaço em veículos menores e no interior do estado.

Atualmente, a imprensa gaúcha concentra-se em poucos grupos de comunicação. O líder de mercado é o Grupo RBS, do qual fazem parte os líderes em seus segmentos o jornal Zero Hora, a rádio Gaúcha e a RBS TV, entre outros. Compõem também a mídia tradicional do estado, segundo consideramos neste estudo, o Grupo Record (TV Record, Correio do Povo e rádio Guaíba); o Grupo Bandeirantes (TV Band, jornal Metro, rádios Band AM e Band

News FM), o Grupo Pampa (TV Pampa e jornal O Sul); o SBT e o Jornal do Comércio, além das sucursais espalhadas pelo interior e os veículos tradicionais de outras cidades gaúchas.

Ciro Marcondes Filho (2002) destaca alguns aspectos da profissão nos tempos atuais – que chama de precarização. Ele aponta que há uma “degeneração progressiva” com o excesso de trabalho e de responsabilidades. Além da preocupação básica com a informação, o jornalista tem que destinar tempo a imaginar o conteúdo na página, dispô-lo na tela, jogar com espaços de publicidade, fotos e ilustrações.

Como dispõem de menos tempo, os jornalistas acabam por produzir conteúdos mais superficiais. Além disso, FILHO (2002) atenta também para o aumento da responsabilidade do profissional. Diz que antes decisões que cabiam a “estruturas redacionais coletivas” hoje são tomadas pelo próprio jornalista em sua individualidade.

Consequência do processo de informatização da atividade, fato é que a vida de jornalistas tem se tornado cada vez mais difícil. O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram mais individuais. Aos poucos, a mística do *contrapoder* se esvai. Chantageado pelo desemprego, os jornalistas de posição intermediária na empresa e os precários (frilas, repórteres-redatores, focas) perdem rapidamente de vista o fascínio da profissão. Mas não só eles: mesmo tarimbados jornalistas de informação política e geral estão reconhecendo o recuo de seu prestígio. (FILHO, 2002, p. 58)

3 OS REBELADOS

3.1 O VÍRUS DO EMPREENDEDORISMO

O menino que aos 14 anos de idade já tinha traçado seu plano de vida é atualmente um jornalista de destaque na comunicação gaúcha. Aos 49 anos, Julio Ribeiro é hoje diretor-editor da Revista Press & Advertising e presidente do Clube Diretivo de Jornalistas de Opinião do Rio Grande do Sul. Define como suas marcas pessoais o empreendedorismo e a eterna busca pelo saber.

Julio Ribeiro sempre quis ser jornalista. Conta que em suas lembranças mais remotas sobre o futuro profissional, nunca pensou em outra coisa. Nascido em Pelotas, aprendeu a ler aos seis anos nas páginas do jornal Diário Popular. Foi ensinado pelos irmãos. Cresceu com os irmãos e o pai ouvindo notícias no rádio – o que o deixava fascinado. “Gostava de ouvir rádio. Adorava ouvir o Milton Jung lendo as notícias. Achava aquilo de extrema importância”.

Originário de uma família bastante pobre, Julio enfrentou o que considera dificuldades naturais da falta de recursos financeiros. Seu pai era carregador de malas na rodoviária de Pelotas e a mãe dona de casa. Além dele, tinham mais sete filhos. O jornalista relata que, na época de escola, não tinha dinheiro para comprar livros. Precisava esperar algum colega usar e lhe emprestar.

Tais dificuldades o fizeram crescer. Julio afirma que desenvolveu algumas potencialidades em função das adversidades. Considera ter uma memória excelente, o que vê de forma positiva enquanto jornalista. “Se eu vou pra uma entrevista, raramente escrevo alguma coisa. Quando eu assistia aula, não tinha caderno, não anotava e não estudava pra prova. Eu acho que na dificuldade a gente cria mecanismos. Quando é muito fácil a gente relaxa.”

Decidido a seguir rumo ao jornalismo, Julio orgulha-se de dizer que com 14 anos traçou o plano de sua vida profissional. Como sua família era humilde, esteve sempre ciente

de que precisaria trabalhar desde cedo para se manter. Ingressou no curso de eletrônica na escola técnica federal de Pelotas. Seu objetivo era formar-se e ir trabalhar como técnico em alguma emissora de televisão. Assim, afirma ele, quando completasse o curso de jornalismo, já estaria em alguma empresa de comunicação, seria conhecido pelos profissionais e por lá permaneceria. Paralelamente, fez por correspondência um curso de conserto de televisores do Instituto Universal Brasileiro. Não que fosse seu objetivo no momento, mas buscava “algo a mais” do que a escola lhe oferecia.

Formou-se em 1980 e rumou para Porto Alegre. A família já havia se mudado para a Capital em função de uma doença do pai. Chegando na cidade, foi em busca de emprego. Fez testes na TV Guaíba e na TV Pampa. Ficou bem colocado em ambas, porém não pôde ingressar nas emissoras. Na época, ainda não havia sido liberado do serviço militar. Na Guaíba, o engenheiro responsável propôs que ele trabalhasse temporariamente como almoxarife e, quando conseguisse a dispensa, iria para a técnica. Seu orgulho, no entanto, o fez recusar a oferta.

Julio, então, viu-se formado e sem emprego. Passaram-se quatro meses e nada. Desconfortável com a situação, saiu de casa um dia e afirmou que conseguiria uma ocupação. Conta que levou consigo um mapa da cidade e um Correio do Povo, no qual estavam as ofertas de emprego. Na ocasião, a Philco precisava de técnicos em televisão. Julio disse para o gerente da loja que o entrevistou que nunca tinha aberto um aparelho de tevê, mas que dominava a teoria. Respondeu com precisão as perguntas do entrevistador e conseguiu o emprego. “Eu pensei: acho que me comuniquei errado com a vida. Eu queria trabalhar EM televisão, não COM televisão”.

Embora estivesse se desviando dos planos, não se arrepende. Em 1982, prestou vestibular para jornalismo na UFRGS e foi aprovado. Com os horários das aulas durante o dia, não conseguiria manter o trabalho na Philco. Ele e um dos irmãos, então, abriram uma eletrônica. Aos 19 anos, teve seu primeiro empreendimento. Julio diz que aos 21 anos, tinha 21 empregados – número que o marcou. Como era dono de seu tempo, conseguiu conciliar trabalho e formação. “Passei todo o curso de jornalismo consertando televisão”.

Em 1988, concluiu o curso de jornalismo e decidiu buscar o que realmente gostaria de fazer. Fechou suas duas lojas e foi atrás de emprego na área. Nisso, percebeu que precisava de um empurrão para ingressar no mercado. Por indicação de uma amiga, foi procurar o

radialista Dilamar Machado, que na época era diretor do Departamento Municipal de Habitação e pré-candidato à prefeitura de Porto Alegre. Dilamar acabou candidatando-se a vereador pelo PDT e Julio coordenou sua campanha.

Quando eleito, o radialista o levou para trabalhar na Câmara de Vereadores da capital. Julio atuou nos anos de 1989 e 1990 como assessor de imprensa da instituição. Em 90, o PT assumiu a presidência da Câmara e trocou os cargos de confiança – e ele foi nessa leva.

No mesmo ano, trabalhou na campanha de Alceu Collares ao governo do Estado. Com seu candidato eleito, Julio voltou ao governo. Atuou em 1991 e 1992 na Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan). Em 1993 e 1994, foi chefe de gabinete de Dilamar, então secretário de Comunicação da gestão Collares.

A partir dos contatos estabelecidos na época, surgiu a oportunidade de ter um programa de rádio na Bandeirantes, o Comunicação RS. Conseguiu patrocínio, comprava o espaço da emissora e fazia um programa sobre comunicação – sempre com um profissional de jornalismo e outro da publicidade. Relata que foi uma experiência enriquecedora, pois levava profissionais inclusive de outras emissoras para seus debates.

Em 1995, deixou o governo. Trabalhou quase dois anos como consultor de marketing. No fim de 1996, lançou sua primeira revista, a Projeção RS, a qual não se viabilizou. No mesmo ano, junto com José Luis Prévidi e Marco Poli, criou o jornal Página 12, falando sobre política.

Julio conta que o jornal era feito em dois dias em meio a brincadeiras. Tinham apenas um computador e os três se revezavam escrevendo a mesma matéria. “Nos divertimos muito e até ganhamos algum dinheiro com aquilo”.

Admirador do Página 12, o então presidente da Associação Riograndense de Propaganda (ARP), Sérgio Gonzalez, convidou Julio Ribeiro para fazer um jornal sobre propaganda. O jornalista propôs, então que se fizesse uma revista. A ARP disponibilizou a estrutura e Julio realizou a revista, a Propaganda RS. Como o nome Propaganda já era registrado, a publicação teve que mudar de nome e tornou-se Advertising RS.

Julio conta que a revista cresceu em pouco tempo. De edições de 16 páginas, chegou a ter números com 120 páginas. Inspirado pelo sucesso da publicação, em 2000 surgiu a revista

Press, direcionada para a imprensa. Já ali começou a usar a fórmula a que atribui o sucesso da revista: sempre uma entrevista exclusiva estampada na capa. A primeira edição trazia o colunista José Barrinuevo. O jornalista conta que a entrevista teve assuntos polêmicos, que renderam discussões por muito tempo. Ele cita também uma edição com Dom Dadeus Grings, na qual ele afirmava que os judeus eram os donos da imprensa no mundo – e a polêmica repercutiu mundialmente. “Era o que funcionava. Aquela entrevista em que o cara falava mesmo, tinha espaço, a gente perguntava de tudo”.

Julio Ribeiro afirma que o diferencial da Press & Advertising são as entrevistas. “É difícil ter uma entrevista que tu não leia de cabo a rabo. Mesmo que tu não conheça a pessoa”.

Em 2011, Julio relata que os atentados contra as Torres Gêmeas nos Estados Unidos abalaram o mercado publicitário e editorial em todo o mundo. No momento de crise, em que todos estavam desacelerando, resolveu apostar e criar dois jornais, o Mulher RS e o Jornal Press Advertising. Ao contrário do que ele pensava, a crise se estendeu. E somou-se às incertezas da eleição de Lula como presidente. Com isso, o mercado ficou estagnado até 2003, o que levou ao fim dos dois jornais. Em 2004, houve a união das duas revistas em uma só.

Em seus 23 anos como jornalista, Julio Ribeiro nunca trabalhou nos veículos da grande imprensa. Crê que em boa parte isso se deva ao que chama de “vírus do empreendedorismo”. Sua primeira incursão foi como proprietário das lojas de conserto de televisores. No jornalismo, começou comprando o espaço da Bandeirantes para veicular seu programa sobre comunicação. Conta que já lançou vários jornais e revistas ao longo desses anos. Mesmo com esse espírito, quando jovem o jornalista não sonhava com seu próprio negócio. Relata que queria ser correspondente internacional.

No desenvolvimento de seu trabalho à frente de publicações, o criador da Press & Advertising aponta algumas dificuldades. Segundo ele, o Rio Grande do Sul não tem uma cultura de revistas. São poucas as que estão no mercado há mais de 15 anos. Outro aspecto é o baixo investimento publicitário. Das verbas privadas, a maior fatia está concentrada no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. As decisões, em sua maioria, são tomadas nesses lugares. As verbas públicas, em sua maioria, estão em Brasília.

O Estado sofreu nos últimos anos um apequenamento forte de investimentos publicitários. Muitas empresas que eram daqui ou morreram, ou tiveram os centros de decisão transferidos. Nós tínhamos uma Varig que morreu. Uma

CRT que foi privatizada. De dez bandeiras de supermercados, hoje há três. Nós fomos ficando cada vez menores. É muito difícil fazer um veículo de comunicação alternativa no Rio Grande do Sul. (RIBEIRO, 2012)

Apesar das dificuldades, Julio confessa que hoje não teria paciência para atuar em veículos da grande imprensa. “Eu gosto de dar opinião, seja ela qual for. Nos meus veículos tu pode dar a tua opinião, mesmo que eu não concorde”.

Em 2002, fundou, junto com outros colegas, o Clube Diretor de Jornalistas de Opinião. Diz que foi uma reação ao alto número de processos judiciais do governo Olívio Dutra contra jornalistas. Julio aponta a opinião hoje como a grande arma do jornalismo. “A informação hoje todo mundo têm acesso. Agora a opinião é que pode fazer a diferença”. E é pela falta de liberdade de opinião que afirma não considerar a possibilidade de trabalhar na mídia tradicional.

O jornalista avalia que falta coragem para os grandes veículos. Há uma grande preocupação em perder anunciantes, em desagradar a determinado governo. “Isso não é mais jornalismo. Falta culhão para esses caras. O meu espaço, o espaço do jornalismo, é sagrado. Eu não vendo”. Julio relata que já enfrentou diversos problemas com anunciantes, cobranças para que opiniões não fossem dadas. Conta que um ex-secretário de Comunicação da prefeitura lhe telefonou para exigir explicações e pedir que determinado colunista – que muito criticava a gestão – não tivesse mais espaço. “Eu sou presidente do clube de opinião, como eu vou cercear a opinião de alguém?”. Mesmo sob ameaça de não receber mais anúncios da prefeitura, o editor não cedeu. “O jornal existia antes dele. E continuaria a existir depois dele”.

Julio Ribeiro se diz indiferente a inimizades que venha a adquirir por meio de suas opiniões. Procura buscar a verdade, com o que considera certo, trabalhar com sinceridade. “Já mandei muita gente tomar no cu na minha vida profissional”.

O jornalista avalia que hoje há muito espaço no mercado para se fazer um bom trabalho. Atribui a isso o fato de que existe muita coisa mal feita. Diz que os jornalistas se condicionam a ganhar baixos salários para fazer pautas irrelevantes. Crê, também que os profissionais estão “preguiçosos”, que não saem das redações, não “levantam da cadeira”.

Para o fundador da Press & Advertising, este é um momento de transição: há uma facilidade muito grande de acesso à informação por meio da internet, mas percebe-se um empobrecimento de conteúdo. Julga que em boa parte isso se deve a falta de leitura dos jornalistas em formação. “As pessoas não sabem escrever porque não lêem, não se informam. Tem que ler jornal, revista, literatura”. Diz que mesmo no patamar que já alcançou, sem ter que buscar oportunidades de emprego, não se cansa de procurar sempre se informar.

Julio frisa que não se pode culpar os cursos de jornalismo por tal deficiência dos profissionais. “A faculdade serve pra te dar um caminho, te apontar para onde ir”. Ele considera que a formação lhe ajudou a sistematizar questões acerca do jornalismo e nesse aspecto foi muito importante. Considera que o curso deve ser “um produtor de sede” para que o estudante vá em busca do que é importante.

Julio recorda de uma matéria que fez durante o curso sobre os piratas da areia no Delta do Jacuí. Conta que se preparava para fazer uma reportagem ecológica sobre a região e, no meio do trabalho, soube da prática de roubar areia no rio. Foi atrás, fez a matéria e orgulha-se de dizer que até hoje um professor a aponta como uma das melhores já produzidas em jornais laboratório no curso. A questão que parte disso para o jornalista é a vontade de fazer, o “correr atrás” que depende apenas do estudante.

No mercado atual, Julio destaca o que seria o “mundo dos editores”. Com a facilidade de acesso à informação, com o grande acúmulo de informações disponíveis, pode se destacar quem souber editar isso. É uma oportunidade para quem souber condensar, editar esse conhecimento e oferecê-lo ao público. “É um baita mercado para os jornalistas”.

Para o editor da Press, hoje os profissionais estão por demais especializados em determinados assuntos.

Nós precisamos ser mais generalistas. Se nós conseguirmos ler a realidade como um todo, editar essas informações de modo que as pessoas consigam entender, se situarem, nós teremos um belo mercado. Jornalista nenhum precisa trabalhar na Zero Hora pra ser feliz. Tu não precisa de um crachá para ser feliz. Nós vivemos de informação. (RIBEIRO, 2012)

Suas referências na profissão foram mudando ao longo do tempo. Já teve como ícones na profissão Mino Carta, Ruy Carlos Ostermann, Flávio Alcaraz Gomes. No texto, diz que o melhor que já leu foi Otto Lara Resende. Atualmente, gosta de ler Luis Augusto Gorin, Eliane Brum, e admira a argumentação de Reinaldo Azevedo. “Acho importante o jornalista ter referências em todas as áreas, não só no jornalismo. Nas artes, na música, na literatura. Se não ele fica muito fechado em si mesmo”.

Perguntado se vale a pena ser jornalista, Julio responde que tanto quanto ser bombeiro ou corretor de imóveis. “Depende do que tu gosta”. Ele afirma que a base para um bom trabalho e a felicidade na profissão é ser apaixonado pelo que faz. “Não adianta entrar pensando em dinheiro, em glamour, porque tu não vai conseguir. Isso vai ser uma consequência se tu gostar e fizer bem o que tu faz”.

Profissionalmente, Julio Ribeiro se considera plenamente realizado. Diz que vive tranquilamente de seu trabalho e leva uma vida confortável. Por meio da profissão, já conheceu muitas pessoas e viajou a diversos países. Relata também que o jornalismo lhe serve como uma espécie de catarse: através dele, pode denunciar e colocar em discussão muitas coisas que considera estarem erradas.

Em todos esses anos, eu nunca senti falta de trabalhar na grande imprensa. A grande imprensa te engessa muito. Eu sou um cara livre. O jornalismo é fundamentalmente um exercício de liberdade. Tu tem que ter liberdade de opinião, de expressão. Qualquer coisa pode render uma boa matéria. (RIBEIRO, 2012)

3.2 GOOOL DO JORNALISMO

A história de José Aveline Neto como jornalista está diretamente ligada à história da revista da qual é fundador e atual diretor-presidente, a Revista Gool. Aveline dedicou a maior parte de sua trajetória profissional à publicação que marca a história do jornalismo gaúcho como a mais antiga revista de esportes do Estado.

Nascido e criado em Porto Alegre, Aveline tem hoje 62 anos. É casado com Sandra Salomão há 15 anos, tem quatro filhos, Eduardo e Marcelo do primeiro casamento e Leandro e José Vitor do segundo matrimônio, além do enteado David, que considera tanto quanto os filhos de sangue. Conheceu a esposa quando ela trabalhava como ascensorista no mesmo prédio onde estava sediada a revista. Diz orgulhar-se de Sandra por ela nunca ter parado de estudar. Hoje, ela trabalha como coordenadora de produção da Gool junto ao marido. Aveline sente muito prazer em estar com a família e busca estabelecer uma relação de carinho e respeito com os filhos. Um deles, conta, teve a orientação do pai para criar uma publicação de quadrinhos na Austrália e obtém seu sustento dela.

Foi da relação familiar que o jornalismo surgiu em sua vida. Não com a família que constituiu, mas na qual se criou. “Nasci e cresci em um ambiente onde se falava muito em jornalismo. Eu diria que foi um jornalismo caseiro”. Seu pai, João Baptista Aveline, atuou por mais de 50 anos na imprensa gaúcha. Aveline relata que o pai era militante do Partido Comunista e sempre se engajou na legalização do partido. Era um socialista ligado à luta de classes e reconhecido no meio por tal postura. Cresceu em meio a discussões políticas e sobre comunicação.

Uma recordação antiga da infância, mas ainda muito presente, é de ir às redações de mãos dadas com o pai. Ficava observando os jornalistas trabalhando, digitando nas máquinas de escrever, retirando o papel, corrigindo e riscando com caneta vermelha. Diz lembrar-se exatamente dos sons de uma redação. O material que era produzido indo para a montagem das páginas, a diagramação sendo feita, a escolha das imagens, tudo, segundo ele “foi um aprendizado”.

Aveline atribui ao pai e às experiências que teve ao seu lado o interesse pela profissão. Diz que cresceu ligado às notícias, à informação. Observando o pai, aprendeu a gostar de se informar e de poder levar isso adiante. Sempre foi orientado a ler de tudo um pouco. “Eu nunca fui muito de ler grandes obras da Literatura, mas gostava de ler revistas, jornais, publicações ligadas ao esporte”.

Ao mesmo tempo que demonstrava interesse pela comunicação, o que também lhe fazia brilhar os olhos era o esporte. Em especial, o futebol.

Eu sempre fui um homem que gostei muito de futebol. Acho que é um esporte muito bonito, muito interessante. É um esporte que se joga com as mãos, com os pés, com a cabeça, com o corpo. Tem o drible, o balão, a meia-lua, o gol olímpico, o gol de bicicleta. É um esporte coletivo que acho muito bonito. Sempre me identifiquei. (AVELINE, 2012)

José Aveline conta que sonhou em ser jogador de futebol. Considerava-se um bom jogador, mas não chegou a se profissionalizar. Acreditava que era possível, mas relata que a concorrência era grande. “A gente ia treinar, tinha muita gente boa. Alguns mais entendidos de futebol na época achavam que tinha gente melhor que eu pra jogar bola”. Não seguiu na carreira de jogador, mas também não se permitiu afastar-se do esporte.

Mesmo com o sonho de ser jogador frustrado, Aveline queria continuar no meio. Sua curiosidade e a vontade de sempre se informar fizeram com que fosse buscar publicações sobre o assunto. Na época, disse ele, a principal era a Revista Placar. A publicação, de âmbito nacional, é dedicada exclusivamente ao futebol. Incomodava-o o fato de a maior parte do espaço ser dedicado a times do eixo Rio – São Paulo. Enquanto Vasco, Flamengo, Corinthians tinham seis ou sete páginas de cobertura cada, pouco sobrava para a dupla Grêmio e Internacional, que se resumia a uma ou duas páginas da revista. “Eu me constrangia, me sentia pequeno. Queria ver nossos times de igual para igual com aqueles clubes. Aquilo me chamou a atenção para que um dia eu pensasse em abrir uma editora e lançar uma revista”. Foi, então, da insatisfação com o que era produzido sobre futebol naquele período, pela superficialidade com que era feita a cobertura do futebol gaúcho, que Aveline elaborou seu grande projeto: a Revista Gool.

Em 1983, o jornalista, após juntar algum dinheiro, abriu a Editora Cynus. Em maio daquele ano, foi lançado o primeiro número da Gool. A edição, voltada para o Internacional, destacava o ponta direita do clube gaúcho e da seleção brasileira Valdomiro Vaz Franco, um dos principais nomes da história colorada.

Aveline diz lembrar-se até hoje da primeira entrevista. Relata que foi recebido na casa do próprio jogador. Para a primeira edição, contou com a colaboração de nomes conhecidos da imprensa gaúcha, como Kenny Braga, Paulo Sant’Ana, Ruy Carlos Ostermann e Ibsen Pinheiro.

A edição de estréia previu um caminho de sucesso para a revista. Os cinco mil exemplares se esgotaram em pouco tempo nas bancas de Porto Alegre. No mesmo ano, outros acontecimentos contribuíram para a continuidade da publicação. Em julho de 1983, o Grêmio conquistou a Taça Libertadores da América. O número da revista que trazia a vitória tricolor comandada pelo ídolo Renato Gaúcho foi um sucesso de vendas. Em dezembro, o clube teve outro triunfo ao vencer o Hamburgo e conquistar o título de campeão mundial. E novamente a Gool lucrou com o êxito gremista e se popularizou entre os gaúchos.

Na ocasião, Aveline contou com a ajuda do então presidente tricolor Fábio Koff. Ele procurou o dirigente e pediu ajuda para ir ao Japão fazer a cobertura do jogo. Argumentou que, se o Grêmio perdesse, o clube não teria grande prejuízo, mas se vencesse, teria uma cobertura especial e de qualidade. O pedido foi aceito e Aveline e dois integrantes da revista viajaram por conta do clube. O resultado foi uma edição que destacou ainda mais a Gool entre os leitores.

O fundador da Gool considera que o diferencial da revista é tentar mostrar o que a mídia tradicional não publica. Buscar informações novas, procurar o que foi ignorado pela imprensa, mas que pode render reportagens. Conta que é difícil se comparar com os grandes veículos, visto que estes têm maiores equipes e estrutura técnica e financeira, mas afirma que é possível produzir um conteúdo diferente e de qualidade para os leitores que buscam mais sobre os esportes. “A gente procura dar o que os outros não dão”.

Ao longo dos 29 anos de existência da revista, José Aveline Neto aponta outras dificuldades em seu trabalho. No começo, impulsionada pelos fatos de destaque no futebol gaúcho, a publicação enfrentou o obstáculo de ainda ter pouca estrutura para as coberturas.

Outro ponto relatado é a concentração da publicidade nos grandes veículos de imprensa. Ele conta que achava que as agências de publicidade, por exemplo, viriam até a revista, mas percebeu ao longo do tempo que teria que correr e batalhar para manter a publicação. “As verbas publicitárias estão muito mais direcionadas para a grande imprensa do que para os (veículos) alternativos. Tem que se fatiar melhor esse mercado. (...) A gente encontra dificuldade em dar continuidade a uma equipe”.

Mesmo com essa concentração, a publicidade é importante para a revista. Pode-se perceber anunciantes como órgãos do governo, empresas privadas, os próprios clubes e até

veículos de imprensa, como as rádios Bandeirantes e Guaíba. Aveline diz que o investimento publicitário varia de acordo com a edição da revista. “Tem alguns empresários gremistas, por exemplo, que anunciam só em edições dedicadas ao clube”. Segundo ele, há um incremento forte nas publicações que trazem fatos de destaque, como conquistas importantes ou grandes eventos esportivos, como uma Copa do Mundo.

Mesmo com a verba publicitária, o sustento principal da Gool é a venda nas bancas. Conforme o diretor-presidente, as vendas também aceleram com edições especiais e de maior apelo junto à torcida. Atualmente, a revista é vendida nas bancas por 10 reais.

Outra dificuldade apontada é o crescimento das assessorias de imprensa, tanto dos clubes, quanto dos jogadores. Aveline afirma que, em função disso, hoje há uma barreira para a obtenção de informações que há alguns anos não existia.

Pra tu chegar e entrevistar um atleta, é um processo burocrático, tem que quase se ajoelhar. Bem diferente do passado. Nós chegávamos no jogador, como o Valdomiro (Vaz Franco), e ele nos recebia na casa dele. No passado a relação era muito próxima, hoje existe essa distância. Isso é preocupante pro jornalismo esportivo. Ficou mais difícil. (AVELINE, 2012)

Apesar desse distanciamento, Aveline avalia a relação com os clubes como positiva. Isso, acredita ele, deve-se a percepção de dirigentes e atletas da solidez da revista e seus quase 30 anos de atividade. O jornalista conta que surgiram diversas publicações concorrentes nesse tempo, mas que não se firmavam no mercado e deixavam de existir em poucos meses.

José Aveline destaca a importância da boa relação com os grandes veículos de imprensa para a existência da Gool. Segundo ele, é fundamental a parceria com os jornalistas esportivos, que ajudam na divulgação da revista. Muitos colegas o recebem e comentam a revista dentro do espaço dos veículos tradicionais. “Não adianta fazer propaganda, divulgar a revista, se nós não fizéssemos uma revista com conteúdo bom, boas fotos. Temos que fazer um trabalho à altura”.

Tal relação Aveline diz que foi uma construção de longo tempo, iniciada ainda com seu pai. João Baptista era um jornalista popular entre os colegas e que tinha muitos amigos. Muitos dos contatos, segundo o fundador da Gool, foram-lhe apresentados pelo próprio pai,

que o levava desde cedo às redações. Ele buscou manter sempre esses laços de amizade, além dos que foi conquistando em sua carreira profissional. Este foi um ensinamento que o pai lhe transmitiu, o de como ter boas relações, seja em que âmbito da vida for.

Em sua trajetória profissional, José Aveline apresenta uma peculiaridade: não tem formação acadêmica em jornalismo. Ele afirma que se tornou jornalista a partir de suas experiências, de sua vivência na comunicação. Aveline credita ao pai a forma como aprendeu a lidar com a informação, os valores, a ética, o compromisso com a verdade e a imparcialidade.

Ler bastante me ajudou na profissão. (...) Pela idade, pelo conhecimento, pelo aprendizado que tive ao longo dos anos, eu acredito que seja o suficiente para eu tocar a publicação da maneira como a gente sabe fazer – sempre com respeito ao anunciante e, principalmente, com o leitor. (AVELINE, 2012)

Aveline acredita que a experiência pode ser tão importante quanto o diploma. Pode-se aprender no convívio, observando um bom profissional. Mesmo assim – e paradoxalmente –, não concorda com a derrubada do diploma pelo Supremo Tribunal Federal. Considera que o ideal é o jornalista ter formação, mas também estar sempre buscando se informar através da leitura.

O fundador da Gool considera que a função do jornalista é escrever bem, saber se expressar e satisfazer o leitor. Ele objetiva sempre oferecer um conteúdo que interesse e agrade ao leitor. O jornalista, para Aveline, deve passar ao seu público algo que possa o fazer agir melhor.

José Aveline acredita que é fundamental o compromisso com a verdade, mas lamenta que muitos colegas se desviem desse caminho. “Depende do patrão, do veículo que for trabalhar. Infelizmente tem disso”. Ele pondera que alguns jornalistas, por necessidade ou por outros interesses, sucumbem diante da obrigação com a verdade. Diz que sempre procurou manter-se nessa direção durante sua trajetória profissional e que fez disso base para a Gool.

Questionado sobre a imparcialidade no jornalismo, Aveline assegura que ela é possível e deve ser o norte de um bom jornalista. Destaca que aprendeu desde cedo que o profissional não deveria deixar questões pessoais interferirem no conteúdo que produz.

A questão ganha destaque frente à grande rivalidade que existe no futebol gaúcho. José Aveline conta que o jornalista esportivo não pode se deixar levar, por exemplo, por ser gremista ou colorado. Ele, inclusive, não revela para qual clube torce. Acha que é possível, sim, que o profissional assumira seu time do coração, mas que o importante é a sinceridade com o público. Acredita que isso seja mais fácil para colunistas. “Para quem tá ali no dia a dia, indo atrás de jogadores, buscando informações com os clubes, no meio da torcida, é difícil. O cara que demonstra pra quem torce não dura muito nessa área”.

Questionado se vale a pena ser jornalista, José Aveline Neto é categórico: não. “Financeiramente não vale a pena”. Aponta que os profissionais da área não são valorizados e que é difícil escrever para ganhar mal. Diz que não recomenda ser jornalista e que não vê futuro para a profissão – são poucos os lugares para se trabalhar e a concorrência é grande. Vê um mercado pouco favorável para os jovens que procuram o jornalismo.

Apesar disso, considera um dos mais belos exercícios profissionais. Afirma que o jornalismo, em sua visão, está ligado diretamente à personalidade do indivíduo. “Eu acho lindo. É pra quem gosta de botar a verdade no papel. É uma das profissões mais lindas, com certeza”.

Mesmo considerando-se um homem de sucesso por ter feito a Revista Gool sobreviver por 29 anos como veículo alternativo, Aveline ainda não se considera um profissional realizado. Conta que a publicação garantiu seu sustento e o da família por todos esses anos, pôde viajar, pagar os estudos dos filhos, mas que não “ganhou dinheiro com ela”. Viveu feliz, sobreviveu com dignidade, mas não está completo.

O que deixaria José Aveline Neto pleno em sua profissão é tornar a Gool uma revista de âmbito nacional. Afirma que a publicação já é conhecida pela imprensa de outros Estados e até de outros países por se manter tanto tempo. Vê nisso uma possível alavanca para se lançar em outros mercados – sabe que vai encontrar dificuldades, mas que não é impossível. Seu sonho atual como jornalista é ver a Gool ir mais longe. “Fazer uma revista grande, forte no Brasil todo. E uma revista que desse espaço para todos os clubes. Quero sempre manter uma relação de igualdade. Algo que faz parte da minha formação”.

3.3 PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

“Todo mundo tem direito à comunicação”. Sob essa afirmação, a jornalista Rosina Duarte, de 55 anos, construiu seus 31 de trajetória profissional. Com passagem por cinco jornais como repórter, Rosina é fundadora da organização não-governamental Alice (Agência para Livre Informação, Cidadania e Educação) e coordena, através dela, diversos programas sociais para popularizar a comunicação entre públicos, como ela mesma afirma, sem voz na sociedade.

Nascida em Bagé, Rosina Duarte mudou-se para Porto Alegre ainda criança com a família, que buscava melhores condições de vida. Aos oito anos, o pai conseguiu um emprego em Santana do Livramento e novamente a família migrou. Viveu lá até os 18 anos, quando retornou à capital gaúcha para cursar jornalismo.

A jornalista conta que escolheu a profissão aos dez anos, sem saber muito bem o porquê. “Foi a única coisa em que fui precoce na vida. Nunca fui precoce em nada, mas escolhi cedo o que queria fazer da vida”. Rosina relata que cresceu com a referência do avô paterno, que era jornalista. Seu avô materno era radialista, mas não chegaram a conviver, pois ele morreu quando a repórter ainda era muito jovem.

Uma das principais lembranças da época era da convivência com jornalistas em meio à boemia.

Uma das lembranças mais incríveis que eu tenho é que meu avô saía da redação e ia para os botecos. Minha avó pedia para a gente chamar ele. E eu chegava lá e não voltava. Eu ficava lá no meio daquela coisa. Eu dormia, meu avô me pegava no colo, pegava o violão, eu ficava entre o peito dele e o violão, me sentia muito segura. Ele ficava cantando no meio daquela ‘bagaceirada’, como ele mesmo dizia. E aquilo me marcou muito. (DUARTE, 2012)

Rosina conta que, em sua formação, fez o caminho contrário à maioria. Começou o curso universitário na UFRGS, mas o transferiu e formou-se na PUC com ajuda de crédito educativo. A mudança deveu-se a incompatibilidade entre as aulas na faculdade, que ocorriam pela manhã e à tarde, e os horários de trabalho. Sua primeira experiência profissional na

capital foi fora do jornalismo, no Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro). Como na PUC o curso era noturno, a jornalista conseguiu conciliar a formação a seu modo de sustento.

Apesar de sonhar com o trabalho de repórter, Rosina relata que detestou o período de faculdade e não tem boas lembranças da época. “Era tudo tão teórico, tão cheio de regrinhas. Eu não sentia lá aquela vontade de virar, de mudar o mundo. Era tudo tão morno. Tinha um monte de modelo e jogador de futebol naquela leva”. Rosina conta que, ao contrário do que costuma ocorrer em sua vida, não guarda muitas amizades do período.

Rosina Duarte afirma que não foi uma boa aluna durante o ensino superior. “A única coisa que eu ia um pouco melhor era em redação, e olhe lá”. Com isso, diz que não pôde contar com a indicação de professores para ingressar no mercado de trabalho. A jornalista conta que as empresas valorizavam muito a experiência prática na época – que, segundo ela, é menos valorizada no panorama atual. Tal dificuldade a fez buscar seu espaço no interior do Estado.

A criadora da Alice conseguiu seu primeiro emprego como repórter no jornal Correio do Sul, em sua cidade natal, Bagé. Era o mesmo jornal onde seu avô paterno havia trabalhado – e, segundo ela, pouco havia mudado. Sem contar que era neta dele, Rosina trabalhou em todas as editorias do jornal e classifica a experiência como muito positiva – e que aprendeu de tudo um pouco. “Os velhinhos de lá fizeram horrores comigo, me davam aquelas pautas que ninguém queria. Mas depois eu adorei trabalhar com eles, tenho contato até hoje”.

Após, foi chamada para cobrir férias na Folha da Tarde e lá permaneceu. Teve passagens também pelo Diário do Sul, jornal ligado à Gazeta Mercantil, pela Editora Abril e pela Zero Hora, onde permaneceu mais tempo.

Durante 15 anos, Rosina atuou como repórter. Na maior parte do tempo, na editoria de Geral. Diz que era onde mais se sentia à vontade. Conta que sempre que perguntavam sua profissão, se dizia repórter, e não jornalista. “Era o que eu sabia fazer, o que eu sempre fui”.

O que mais lhe dava prazer era ter contato direto com a comunidade e contar as histórias do cotidiano. “Ao contrário daqueles que se matavam por uma pauta especial, eu gostava daquela pauta que ninguém queria”. Rosina conta que considerava que seu trabalho

era ir aonde a maioria das pessoas não ia, mostrar o que muitas vezes estava sob nosso olhos mas não era visto.

Enquanto fui repórter, eu conhecia cada buraco dessa cidade. Eu entrava no presídio quando tinha aquelas rebeliões lá, eles me escolhiam e eu entrava. Eu entrava embaixo das pontes, eu entrava em todas as vilas de Porto Alegre. Eu gostava de fazer isso. Pra mim jornalismo é o cheiro de poeira. (DUARTE, 2012)

Em meados da década de 1990, Rosina começou a perceber uma mudança na maneira de se fazer jornalismo. Relata que enquanto trabalhou na Abril, existia uma espécie de fórmula pronta para a reportagem, que já se partia de uma tese pronta. Mandavam-na, por exemplo, achar um empresário entre 25 e 35 anos e que falasse determinada coisa. Ela brinca que só faltava definirem previamente a cor dos olhos e dos cabelos da fonte. Para Rosina, não era esse o trabalho do jornalista. Em parte, atribui às novas tecnologias essa mudança. Sabia-se mais sobre um conflito em um país distante do que o que acontecia dentro da própria cidade.

Outra questão que começou a incomodá-la naquele período é o que define como uma perda de dignidade da categoria. “Antes a gente se mobilizava. Jornalista nunca foi muito amante das greves, mas brigava pra manter coisas básicas como pagamento de horas extra ou o diploma jornalístico”. Ela avalia que havia espaço para um embate saudável dentro da redação que foi sendo amordaçado. Rosina considera que de uns tempos para cá as redações têm muito mais um papel de acomodar o pensamento, de enquadrar, de formatar profissionais, do que de incentivar a vontade de mudar, de sugerir, de questionar o modo como o jornalismo era feito.

Rosina Duarte nunca teve medo de mudar de emprego. Quando não estava satisfeita, quando percebia que não se encaixava mais em um padrão, partia para outro desafio. A partir de sua insatisfação com o rumo do jornalismo nos grandes veículos de imprensa, deixou Zero Hora e foi buscar o que ponderava ser a real função do jornalismo. Surge a partir desse movimento a Alice.

Ela conta que essa transição foi difícil. “Eu senti que aquela roupa tava apertada pra mim. Ou larga, não sei. E pensei ‘eu tenho que achar outra coisa’. Eu tinha 39 anos e tava

nascendo de novo, de bunda de fora no meio da rua. Onde eu ia trabalhar?”. Rosina não queria deixar Porto Alegre. Tinha família aqui, uma transição seria difícil.

Sem saber exatamente o que fazer, começou a comentar com algumas pessoas as ideias que tinha. Quando lhe disseram que era impossível, sua motivação cresceu. Ela se define como teimosa e cita uma frase do dramaturgo francês Jean Cocteau: “Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”. Em 1999, conseguiu formar um grupo de trabalho e fundar a ONG, ainda sem saber muito bem que rumo tomar.

“A gente cresceu tateando, aprendemos na prática”. Não existiam referências na época. A Alice nasceu para brigar pelo direito à comunicação, garantido na declaração universal dos direitos humanos. Rosina avalia que poucos têm noção da importância e da dimensão da comunicação. Diz que muitos desconhecem esse direito e, não conhecendo, não o respeitam.

Em suas oficinas e palestras, costuma contar a história do filme *John vai à guerra*, da década de 1980. O longa-metragem mostra um jovem que vai à guerra do Vietnã e, atingido por uma granada, perde os braços, as pernas, a fala, a visão e a audição. Tratado como uma pessoa em estado vegetativo, o jovem segue tendo consciência do que ocorre a sua volta. Depois de anos naquela situação, uma enfermeira percebe um machucado na cabeça no rapaz. Ela observa que ele batia a cabeça na guarda da cama, dizendo por meio de código Morse que queria morrer. Para Rosina, esse é um grande exemplo de como a comunicação é vital para o ser humano – e que ela sempre encontra um caminho.

O papel da Alice é não só dar voz e espaço para quem não os têm, mas garantir o direito do leitor a uma parte importante da informação – a base para a formação de uma consciência crítica.

Para a jornalista, se não fosse a comunicação rebelde, que teima em existir, muitas informações iriam para o lixo. “A gente recicla o que vai pro lixo, transforma em coisas fantásticas, elas estão aí”.

O método desenvolvido para tal fim é a produção coletiva e a transposição da linguagem oral para a linguagem escrita. A Alice se esforça para montar grupos de forma que eles possam determinar suas próprias regras, que possam partir de uma mesma forma de

trabalho e criar veículos diferentes, visto que têm culturas diferentes. O processo é multidisciplinar: além da comunicação, trabalha-se o empreendedorismo, a administração, a psicologia.

O projeto mais conhecido da Alice é o jornal Boca de Rua. Sob a coordenação de Rosina Duarte, a publicação surgiu há onze anos. O conteúdo do jornal é pensado e feito por moradores de rua da Capital e da Região Metropolitana. É vendido pelos próprios integrantes do projeto. Membro da *International Network Street Papers* (INSP), é o único entre os 110 jornais vendidos por moradores de rua no mundo totalmente feito e co-gerido por eles próprios.

Rosina conta que sua ideia inicial não era fazer um jornal. Chegou a pensar em uma rádio de poste inicialmente. Nas primeiras conversas com os moradores de rua, eles afirmaram “nós queremos fazer uma Zero Hora”.

A recepção à ideia não foi boa. Ela relata que o primeiro passo foi um bate-papo que teve, junto com a colega jornalista Clarinha Glock, com sua população-alvo em uma praça de Porto Alegre. “Eles riram da nossa cara. Só um topou de início porque não tinha nada melhor para fazer”. Aos poucos, o Boca foi se firmando e atraindo mais colaboradores. Além desse descrédito inicial, Rosina diz que o jornal enfrentou pressões de traficantes que eram contra o projeto, de alguns policiais e dos próprios moradores de rua, que viam os participantes como “cagoetes”.

Trimestral, o Boca de Rua tem uma tiragem de oito mil exemplares. Cada integrante recebe entre 35 e 45 por semana. A venda é feita por eles mesmos em conversa direta com o público nas ruas. Rosina afirma que esse processo é fundamental, pois os coloca em contato direto com os leitores. “Eles não querem que comprem o jornal simplesmente porque eles são moradores de rua, mas sim porque o material é bom, tem o que dizer”.

As regras da publicação são feitas por seus membros. Há uma reunião para pensar as pautas, sempre sugeridas por eles. Após, são formados grupos e se estabelece o que será necessário, como gravadores, máquinas fotográficas, transporte. Define-se quem será entrevistado, onde serão colhidas as informações, o que será perguntado. Todo o processo é acompanhado por jornalistas da Alice, desde a reunião, a realização das reportagens e a edição do jornal.

Rosina se emociona ao falar do Boca de Rua. Acompanhou o jornal desde sua primeira edição e conta ter presenciado e participado de histórias que define como maravilhosas. Diz que aprendeu muito ao longo desses onze anos.

A gente tinha aquela ideia idiota ‘ai, eu vou ajudar eles.’ O discurso não era esse, mas no fundo é isso. Hoje eu percebo, eu me dei conta que ou eu aprendia com eles, lucrava muito mais que eles, talvez, era alfabetizada naquela situação, ou eu não fazia nada. Porque nada que eu dissesse naquela situação era legítimo. Tudo vem de baixo pra cima. Então o Boca se formou e a gente foi engatinhando junto. (DUARTE, 2012)

O objetivo do Boca de Rua não é tirar os moradores da rua. Esse é um direito de escolha e é respeitado pela equipe da Alice. Conforme sua fundadora, a ideia é dar suporte para que seus integrantes tenham uma vida melhor. Ela conta que recentemente pegou alguns crachás antigos. De 88 pessoas, 22 já haviam saído daquela condição. “Nenhuma política governamental consegue fazer isso. Eu acho que o Boca faz um trabalho de apoio, não de resgate”. Existe, também um cuidado para não vitimizar essa população. Diz que não são vítimas, apenas pessoas que fizeram suas escolhas – ou que nem pueram fazer – e que sobrevivem da forma como podem.

Outro projeto desenvolvido pela Alice envolve mulheres da terceira idade de Bagé. O jornal Almanaque surgiu da necessidade dessas mulheres em contarem suas vivências, experiências. E se inserirem na cultura gaúcha. Rosina afirma que a cultura no Rio Grande do Sul é basicamente masculina. “Os gaúchos fazem de tudo e as prendas só ficam lá, saracoteando, sem muita função. Das nossas heroínas, a Ana Terra é paulista e a Anita Garibaldi é catarinense”.

O Almanaque surgiu do livro *Contos Sem Fadas – Retalhos de Memória*, editado pela Tomo Editorial. A publicação resgatava a história oral das mulheres da cidade. Após o livro, as integrantes quiseram continuar a se expressar e surgiu o jornal. Nele, encontram-se histórias, receitas, músicas, benzeduras, simpatias, vocabulário, tradições e costumes. Sua periodicidade é bimestral e a distribuição é gratuita. As melhores histórias do Almanaque foram, depois, reunidas em outro livro.

O folhetim Mariposa – Uma puta história é outro projeto da ONG. Publicado na Revista Norte, foi escrito por cinco prostitutas de Porto Alegre. O material surgiu de uma oficina de escrita coordenada por Rosina. Os textos são fictícios, mas construídos com base nas vivências das autoras.

Outro projeto que envolve o público feminino é o Pombo Correio – Cartas da Prisão, que apresenta cartas escritas por detentas do regime semi-berço da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, na Capital. Estes três projetos compõem a trilogia Mulheres Perdidas e Achadas – histórias para acordar, lançado no último Dia Internacional da Mulher.

A jornalista destaca também outro trabalho, o Direito à Memória e à Verdade, realizado junto à Secretaria dos Direitos Humanos. São exposições fotográficas itinerantes que contam com familiares de vítimas da ditadura militar brasileira.

Rosina considera que os projetos que desenvolve na Alice são uma continuação do que sempre gostou de fazer enquanto era repórter. Consegue mostrar o que normalmente não é mostrado. Ela compara os grupos atendidos pela ONG com as pautas que eram recusadas nas redações – rejeitados, mas que podem trazer grandes histórias.

Eles são fantásticos. Eu nunca me acostumei, e eu edito o Boca de Rua e o Almanaque desde o primeiro número. Eu nunca deixo de me encantar com a capacidade que essas pessoas têm de sobreviver, de ler a sua própria realidade, de interpretar essa realidade, de se reposicionar na sociedade, de aprender e de ensinar. Eles são incríveis. (DUARTE, 2012)

As dificuldades, conta Rosina, são as naturais de abrir um novo caminho. Conta que não havia referências para tocar os projetos da forma como idealizara e que foram se construindo. “Tu tem que descobrir as coisas, inclusive meios de sobreviver”.

Sob o ponto de vista da fundadora da Alice, hoje os jornalistas estão diante de dois pólos: o dos grandes veículos, da mídia tradicional, e o da assessoria de imprensa. A assessoria ligada ao setor produtivo, segundo ela, está muito mais ligada à publicidade e às relações públicas do que com o compromisso com a informação. A grande mídia vive de seus interesses econômicos. Logo, nenhum desses pólos serve ao movimento social.

Foi necessário que a Alice desenvolvesse seu próprio meio de trabalho, estratégias de comunicação voltadas para a área social. Ela afirma que nesse movimento é necessário beber diretamente da informação. “Quem é que vai comprar algo só porque é feito pela ONG tal? Só se tu for mulher do Gerdau ou irmã do Ayrton Senna. Quem se interessa por morador de rua, por puta? Tu tem que criar teu próprio veículo, porque ninguém está nem aí pra ti”.

O desenvolvido pela Alice abre um mercado de trabalho para jornalistas. Rosina se orgulha de oferecer oportunidades para que os profissionais da área trabalhem com populações que não costumam ter espaço nos meios tradicionais. “Quem oferece emprego para jornalista lidar com morador de rua, com prostituta?”. Atualmente, outros três jornalistas participam dos projetos.

Rosina se alegra com o fato de obter seu sustento e poder remunerar colegas trabalhando da forma que escolheu. É contra o que chama de “trabalho profissional voluntário”. O jornalista estuda, se prepara e deve receber por isso.

Rosina Duarte é uma defensora ferrenha da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Diz que é pouca a discussão que existe sobre tal questão. Que muitos não pensam sobre a importância e o poder da comunicação. Compara esta a vulcões e tremores de terra, capazes de sacudir o mundo.

Se um engenheiro que erra um cálculo, ele pode matar milhares de pessoas. Se um médico que erra um diagnóstico, ele pode matar. Um jornalista que erra também pode promover uma morte social de milhares de pessoas. A palavra mata, a palavra fere, a palavra redime quem não tem que ser redimido, a palavra esconde em vez de revelar. A comunicação mal feita condena milhares à morte social. (DUARTE, 2012)

Sua percepção sobre a formação é de que se deve aliar o incentivo ao pensamento crítico, a reflexão sobre o contexto em que se vive, às técnicas fundamentais para um bom jornalismo. Nesse aspecto, ela inclui a ética, o respeito à informação, a busca pela objetividade, a clareza com o público. É função dos cursos de jornalismo auxiliarem os profissionais a lidarem com essas questões. A faculdade deve fazer ferver as inquietações inerentes ao jovem, e não simplesmente moldá-lo a uma estrutura pronta.

Rosina ressalta a importância do jovem jornalista. Diz que sempre respeitou muito os que a procuraram pedindo oportunidades de estágio ou trabalho. Prefere conceder entrevistas a estudantes que a veículos de imprensa. Julga que o trabalho de base é muito importante. Ela conta que antes ficava triste ao perder estagiários que “estavam começando a ficar no ponto”. Hoje, percebe que esse é o processo. E se satisfaz ao pensar que quem passou por essa experiência, quem atenta para esse tipo de trabalho, concorde ou não, nunca mais verá essas populações sem voz da mesma forma.

Rosina Duarte não acredita na imparcialidade no jornalismo. Conta que em um texto Luis Fernando Verissimo diz que um jornalista que permanece impávido em uma guerra pode até ser um bom jornalista, mas é um péssimo ser humano. “Eu acho que é um péssimo jornalista também. A informação de qualidade tem o fato em si, mas também tem uma porção de sentimento e observação que é muito importante”. Ela considera que o jornalista precisa ver e relatar o fato com seus olhos, não com uma ideologia, mas com seu filtro, com seu coração, com seu bom senso. Ressalta que o importante é ter honestidade. Ser sincero com o público.

A jornalista exemplifica com o caso de um profissional que tem seu partido político, sua crença, e que este está no poder. Não é por isso que ele deixará de mostrar uma determinada situação de desleixo do governo. Aí está o compromisso com a informação pública que deve guiar sua atuação. O bem-estar social que deve estar acima dos demais interesses.

Atentar para as dificuldades da sociedade que a maioria não vê. Esse, para Rosina, é não apenas o papel do jornalista, mas do ser humano. A diferença é que o jornalista se especializa nisso e tem na mão as ferramentas para divulgar, tornar isso público. Ela relata que antes não tinha a dimensão da importância dessa função. Preocupava-se com a pauta do dia, transitava pela vida das pessoas sem perceber o tamanho “daqueles mundos”. Diz que já entrevistou um sobrevivente do ataque a bomba em Nagasaki, um sobrevivente de campos de concentração nazistas, um homem que vivia em meio ao lixo. Hoje, compreende a maravilha que foram essas oportunidades. “Jornalismo é um portal para outras dimensões que tu nunca vai chegar se não for jornalista. Não há outra profissão que te leve a tantos universos”.

Rosina Duarte acredita que, apesar de pequenos, ainda há espaços para se cumprir esse papel na imprensa tradicional. O profissional deve buscar essas brechas, batalhar por esse

espaço dentro das redações, descobrir quem são seus aliados. Ter orgulho de ser do contra. Não é necessário sair da grande mídia; pode-se, dentro dela, mapear oportunidades, descobrir quem também partilha dessa luta. Cultivar fontes, estar sempre de orelhas em pé e não se deixar incorporar por uma empresa ou grupo. O jornalista deve ter claro que é um indivíduo, com seus valores próprios, e não apenas uma “linha editorial” de determinado veículo. “Jornalista que entra na faculdade pra entrar na Rede Globo, pra tirarem o teu sotaque, pra fazer chapinha no cabelo, ah, por favor. Esse tipo eu nem considero meus colegas”.

A fundadora da Alice critica o que chama de “jornalismo Indiana Jones”. Diz que hoje os repórteres viram personagens dentro de suas próprias reportagens. “Eu fui, eu percorri tantos quilômetros, eu fiz isso, eu fiz aquilo”. Ela conta que até mesmo os integrantes do Boca de Rua são contrários a essa postura: “isso é coisa nossa, não interessa para o leitor”.

Como exemplo de profissional que conquistou espaço para transmitir o que considera importante, Rosina aponta de cara a jornalista Eliane Brum. Eliane é nacionalmente reconhecida por fazer uma crônica do cotidiano. Durante algum tempo, tinha uma coluna em Zero Hora chamada *A Vida que Ninguém Vê*, na qual contava histórias esquecidas ou que passavam despercebidas no cotidiano.

Além de Eliane, Rosina diz orgulhar-se de ter como colegas de profissão Caco Barcellos, da Rede Globo, que garantiu seu espaço em um veículo já fortemente formatado. Cita também Nilson Mariano, de Zero Hora, que apesar de estar “mais catequizado” nos últimos tempos, considera um grande profissional. Indica ainda o professor Marques Leonam, da PUC, Élder Ogliari, correspondente do jornal O Estado de S. Paulo no Rio Grande do Sul, entre outros.

Ela destaca que a maioria das pessoas que marcaram sua trajetória não eram famosas, nem tinham grandes cargos. Eram pessoas simples. Conta a história de um colega que, ao receber um prêmio por uma reportagem, constrangeu-se e perguntou por que estavam lhe premiando por fazer sua obrigação. Dessa forma que ela também diz sentir-se, que não gosta de aparecer em função de premiações – mas reconhecia a importância de tais homenagens para que sua forma de jornalismo continuasse a ter espaço.

A jornalista destaca a importância de identificar colegas dos quais se tem orgulho. Observar essas referências, apoiar-se em trabalhos bem feitos. “Não precisa ser o teu mestre, mas um guia. Alguém para te fazer cair algumas fichas, trocar ideias”.

Uma questão que a revolta no jornalismo atual é uma categorização da profissão:

Lotearam o jornalismo. Isso é jornalismo popular, isso é jornalismo investigativo, etc. Pra mim, jornalismo investigativo é redundância. É que nem dizer gato felino, cachorro canino, homem humano. Pra mim, mesmo que tu faça uma pequeníssima matéria, tu faz uma investigação. Eu acho que tá na essência. Jornalismo popular. Olha, se não for pro povo, vai ser pra quem? Eu não compreendo. (DUARTE, 2012)

Perguntada se vale a pena ser jornalista, não titubeou: “com certeza!”. Acreditando sempre no poder da comunicação, diz que a informação é transformadora, revolucionária, que pode salvar vidas. “No momento em que tu sabe, tu te torna alguém diferente. Tanto tu jornalista, quanto os leitores”. O profissional da área pode democratizar a informação. Esse é seu direito e seu dever.

Rosina Duarte se considera uma profissional realizada. Conta que nunca lhe faltaram oportunidades de emprego e em todos, ao menos durante um tempo, sentiu-se bem. Faz o que considera certo, de forma honesta e sobrevive disso, prestando o serviço que considera dever de sua profissão. Aliás, diz que sempre se sentiu realizada nos 31 anos de atuação como jornalista.

Quando fui repórter, eu era. Por isso que sempre larguei tudo e fui para outra. Sempre fui pobre, mas me sustento. Faço escolhas e aceito as consequências delas. Eu acho o máximo hoje o trabalho da Alice. Se eu tivesse que fazer um script da minha vida profissional, não faria diferente. (DUARTE, 2012)

4 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS DOS REBELADOS

A observação nos permite afirmar que a maioria dos estudantes de Jornalismo que hoje ingressam nos cursos idealizam trabalhar nas redações dos grandes veículos da imprensa tradicional. Os motivos podem variar, mas boa parte dos futuros jornalistas inicia sua preparação pensando nessa área do mercado de trabalho.

Muitos, no entanto, enveredam suas carreiras profissionais para outros postos de trabalho, seja por opção pessoal, seja por necessidade. É grande, como já apontamos, o número de jornalistas que atuam em assessorias de imprensa. Mas um mercado presente e pouco notado é o dos veículos alternativos e do empreendedorismo.

Neste estudo, contamos as histórias de três jornalistas que atuam neste meio. Com trajetórias profissionais bastante distintas, o principal ponto que liga esses personagens é que encontraram formas de trabalhar o jornalismo fora da mídia tradicional e administrando seus próprios negócios.

Julio Ribeiro, que sonhava em ser correspondente internacional, formou-se pela UFRGS e nunca atuou na grande imprensa. Trabalhou em campanhas políticas, em assessorias de imprensa de instituições públicas, teve empresas não ligadas ao jornalismo e encontrou-se como empreendedor, criando duas revistas que hoje estão unidas, a Press & Advertising. José Aveline Neto, que não tem formação acadêmica em Jornalismo, também não esteve empregado na imprensa tradicional. Uniu suas grandes paixões, a comunicação e o futebol, e vive da publicação da qual é fundador, a revista Gool. Rosina Duarte, ao contrário dos colegas, trabalhou durante 15 anos como repórter em redações. Contrária, porém, à forma como o jornalismo estava sendo feito, buscou seu caminho de atuação social e criou a ONG Alice.

As áreas de atuação e o que cada um desses jornalistas “cobre” são amplamente distintas. Rosina apresenta uma postura mais humilde. Não se coloca como personagem em seu trabalho. Busca ter na informação seu principal objetivo. Exerce sua profissão como meio para dar voz a populações que, segundo ela, não a têm. Seus projetos, como o Boca de Rua, que atende a moradores de rua, o Almanaque, em que idosas de Bagé contam suas histórias e

o Mariposa, que dá espaço a prostitutas, focam em mostrar histórias do cotidiano, de pessoas simples, quase sem espaço nos grandes veículos.

Já a publicação editada por Julio se direciona a discutir a própria comunicação, tanto o jornalismo, quanto a publicidade. A revista dá espaço também para personalidades de destaque, como comunicadores ou políticos. A diferença que o jornalista aponta em relação aos veículos tradicionais é a liberdade que oferece a seus entrevistados, colunistas e colaboradores.

Aveline, que chefia a publicação alternativa mais antiga do Rio Grande do Sul voltada para esportes, lida com um assunto de grande destaque nos grandes meios. Sua batalha é para tentar oferecer ao público o que não se encontra nos grandes jornais, rádios ou emissoras de televisão. Ou, ao menos, uma visão diferente do que se observa na intensa cobertura diária do mundo esportivo.

A partir de seus depoimentos, podemos perceber as diferenças que os levaram, dentro do jornalismo, ao ponto em que estão atualmente. Rosina largou sua carreira como repórter na busca por cumprir o dever que considera ter de democratizar a comunicação, mesmo sem grandes recompensas financeiras. Julio trilhou seu caminho basicamente para poder manifestar livremente as suas opiniões – além, é claro, de conquistar uma vida confortável com seu trabalho. Aveline, que se define como um jogador frustrado, encontrou na Gool a maneira de seguir em meio a futebol lidando com a informação e manter-se financeiramente disso.

No que diz respeito a como o jornalismo surgiu em suas vidas, Aveline e Rosina têm em comum a influência familiar. Ele cresceu ao lado do pai, um jornalista reconhecido na imprensa gaúcha. Aprendeu boa parte do que sabe, de seus valores e do respeito à informação com o pai. Ela começou a ter contato com o meio com o avô paterno, jornalista que atuava na região de Bagé. Também cresceu com a referência familiar, apesar de não tão intensa como a de Aveline. Já Julio não teve tais contatos na infância e na adolescência. Aprendeu a ler em páginas de jornal e sempre se encantou com a veiculação de notícias no rádio.

Acredito que, independentemente das áreas em que atuam, um ponto de grande diferença entre os três jornalistas é a relação com a profissão. Rosina Duarte vê no jornalismo uma ferramenta para o bem-estar social, para revelar o que existe e não é notado. Julio Ribeiro

enxerga na profissão uma maneira de se expressar, de dizer o que pensa, uma catarse pessoal. José Aveline Neto encara o jornalismo como um meio de sustento e de manter-se perto de sua grande paixão, o futebol.

Para chegar aonde chegaram, Julio e Rosina buscaram formação acadêmica na área. Rosina iniciou a faculdade na UFRGS, mas devido à incompatibilidade de horários com o trabalho, transferiu-se para a PUC e só então foi exercer o jornalismo. Julio, como era dono de seu próprio negócio na época, formou-se pela UFRGS e, então, partiu em busca de um trabalho na área. José Aveline não cursou o ensino superior. Transformou-se em jornalista a partir de suas vivências, suas experiências que começaram cedo ao lado do pai. Diz que ainda quer forma-se, mas mais por uma questão de ego do que de necessidade para executar seu trabalho.

Rosina acredita que a formação acadêmica é imprescindível para a atuação de um jornalista. Como ela mesma refere, outros profissionais podem provocar a morte de inúmeras pessoas se não bem treinados. O mesmo ocorre com os jornalistas, que se não estiverem preparados, podem levar populações inteiras à “morte social”. Julio considera que a formação deve ser uma fomentadora, “uma produtora de sede” para que o jornalista busque o que é importante para seu exercício profissional. Para ele, a base deve vir do próprio indivíduo e um curso não fará milagres. Aveline indica que a vivência se sobressai ao título. Ele crê que é possível ser um bom profissional a partir da observação, da convivência, das experiências, das referências, de boas leituras e da eterna busca por informar-se.

Para a fundadora da ONG Alice, o curso de Jornalismo deve aliar o estímulo a um pensamento crítico, o entendimento de contextos sociais, com o ensino de práticas e técnicas. Estas, segundo ela, englobam a ética, o compromisso com a informação de qualidade, o respeito com o público. Diz que a faculdade deve “fazer ferver as inquietações”, e não simplesmente moldar um profissional para repetir sistematicamente o que é feito no mercado. Julio Ribeiro acredita mais na faculdade como uma alavanca inicial para a formação enquanto profissional. Diz que o curso o ajudou a sistematizar algumas ideias que já tinha previamente. Aveline, mesmo sem considerar o curso fundamental, reconhece a importância da formação e diz que o ideal é que se tenha o diploma.

Nossos três personagens relatam dificuldades semelhantes no desenvolvimento de seus trabalhos: é comum a eles as dificuldades financeiras de se manter veículos alternativos de

imprensa. José Aveline relata a grande concentração da verba publicitária na mídia tradicional. Teve que batalhar ao longo dos anos para sobreviver com a revista. Outra barreira apontada no desenvolvimento da publicação é a grande diferença de estrutura em relação aos veículos tradicionais. Diz que é difícil competir com a “máquina” montada para a cobertura esportiva. Mesmo assim, tem nos colegas da grande imprensa aliados: conta com a divulgação gratuita da revista por muitos comunicadores, visto que não é concorrente direto desses meios. Uma terceira dificuldade que surge, aí não só a Gooool, mas ao jornalismo esportivo, é o crescimento das assessorias de imprensa. Aveline comenta que antes tinha um contato mais direto com clubes e jogadores, o que lhe facilitava a busca por informações. Hoje, as assessorias criaram um distanciamento das fontes.

Julio Ribeiro também reclama dos baixos investimentos publicitários no Rio Grande do Sul. Ele relata que em geral hoje as decisões não são tomadas aqui, o que afasta o investimento do estado. Além disso, o fundador da Press & Advertising aponta que não existe uma cultura de revistas entre os gaúchos, visto o baixo número de publicações que se mantêm por longos períodos.

Rosina Duarte não lida diretamente com a dificuldade dos anúncios publicitários, mas considera difícil manter financeiramente alguns projetos. Ela refere como dificuldade de seu trabalho abrir um novo caminho fazer algo diferente do que costuma ser feito. Entre um Jornalismo dividido, segundo ela, em dois pólos – o da mídia tradicional e o da assessoria de imprensa –, teve que construir seu próprio método e trabalho, visto que nenhum dos anteriores servia ao movimento social.

Para Julio Ribeiro, os veículos alternativos são o espaço real para a liberdade. É em sua publicação que diz poder falar sobre o que quiser e da forma como quiser – e permitir que outros o façam. Segundo o jornalista, os veículos tradicionais hoje estão reféns de anunciantes e da vontade de não desagradar alguns governos. José Aveline vê em sua publicação alternativa a possibilidade de oferecer ao leitor o que não se vê na cobertura diária. A fundadora da Alice enxerga em seus projetos e nos veículos que os integram a possibilidade de resgatar uma parte da informação que seria descartada. Ela considera que consegue oferecer o direito à comunicação a quem dele é privado, bem como possibilitar ao leitor (que também tem esse direito) acesso ao diferente, para que possa desenvolver com mais propriedade sua visão crítica.

Os três jornalistas manifestam posições diferentes quanto a uma questão bastante discutida no meio jornalístico: a imparcialidade. José Aveline Neto tem convicção de que é possível ser imparcial. E mais, crê que essa seja uma obrigação do jornalista. Sobre sua área de atuação, Aveline afirma que o profissional não se pode deixar influenciar por preferências pessoais, como a o clube do coração, por exemplo. A ideia fica bastante evidenciada frente à rivalidade histórica no futebol gaúcho entre Grêmio e Internacional. O jornalista sequer revela se é tricolor ou colorado.

Rosina Duarte, por sua vez, considera a imparcialidade uma “bobagem”. Ela alega que a informação parte de um fato em si, mas que não se pode dissociar-se das percepções, do sentimento do jornalista. A informação, para Rosina, deve passar pelo filtro, pelo bom senso do jornalista, mas não por sua ideologia. Ressalta que o mais importante é a sinceridade com o público. Crê que se deve buscar a verdade, orientar-se pela clareza dos fatos, mas não passar pelas situações como se fosse uma máquina.

Julio Ribeiro vê como grande ponto do Jornalismo a opinião. Logo, é impossível dar opinião sobre algo sendo imparcial. É por crenças e valores que se forma uma posição sobre algo, além, claro, do conhecimento prévio, da cultura obtida, que se é possível fazer isso com qualidade.

Podemos perceber também pelos relatos diferentes níveis de realização profissional entre os três jornalistas. Rosina Duarte se diz totalmente realizada com seu trabalho. Aliás, diz que sempre se sentiu realizada, mesmo em trabalhos anteriores. Ela conta que, quando não estava satisfeita, procurava se sentir bem em outra oportunidade. Hoje, com os projetos da Alice, declara-se muito feliz. Diz que acredita cumprir o seu papel e o de sua profissão e que se emociona a cada nova história que chega a seu conhecimento. Vê-se plena por trabalhar, ajudar e, principalmente, por aprender com as populações com as quais desenvolve sua profissão.

Julio Ribeiro também se considera realizado profissionalmente. Ele conta que, por meio de seu trabalho, conheceu muitas pessoas e viajou a muitos lugares. Consegue viver confortavelmente de sua profissão. E se sente pleno por ter a liberdade de manifestar-se por meio de seu veículo.

José Aveline, no entanto, ainda não se sente realizado. Diz que é feliz, que conseguiu sobreviver em função de seu negócio, mas que não atingiu o patamar financeiro com o qual sonhara. Também ainda lhe falta transformar a Gool em uma revista de âmbito nacional. Aí sim, conta ele, estaria plenamente realizado.

Para Rosina Duarte, vale a pena ser jornalista. Ela acredita incondicionalmente no poder da comunicação de transformar, de revolucionar. Acredita que o jornalismo possa “salvar vidas”. Jamais se arrependeu da escolha profissional e diz que não alteraria nada em sua trajetória.

Julio diz que vale a pena ser jornalista para quem gosta da profissão, tanto quanto qualquer outra. Considera que o sucesso chega para quem é apaixonado pelo que faz. E que se será recompensado pelo que fizer bem.

Aveline, entretanto, tem uma visão mais prática: não vale a pena ser jornalista. Ele julga que os profissionais não têm o reconhecimento que merecem, que são mal pagos que “não vê futuro para a profissão”. Considera o mercado cruel e não recomenda aos jovens serem jornalistas.

Independentemente de opiniões, percepções ou da forma de atuação, há de se reconhecer que os três jornalistas são dignos de admiração. Batalharam contra as dificuldades, remaram contra a maré do mercado tradicional, empreenderam e hoje vivem da forma como julgaram ser mais apropriada. São jornalistas que encontraram alternativas à grande mídia para sobreviverem e exercerem a profissão da forma como escolheram.

CONCLUSÕES

Enormes têm sido os esforços de jornalistas em todo o mundo em busca de reconhecimento e valorização enquanto profissionais. Tão inerente à profissão quanto essa busca, são alguns valores básicos, como a liberdade, a clareza da informação, o compromisso com a verdade, a independência a outros atores sociais, etc.

O respeito a tais valores éticos somados a uma identificação, uma cultura profissional, uma luta pela formação profissional podem conferir ao jornalismo o status de profissão, e não apenas de um emprego. Tal batalha caracteriza a área há pelo menos um século e meio.

Seja qual for a empresa, o veículo ou o setor em que se trabalhe, tais questões é que caracterizam a atuação de um profissional como jornalismo.

Procuramos neste estudo apontar esses aspectos da profissionalização, da formação acadêmica e do mercado de trabalho com o qual se deparam os jornalistas atualmente no Rio Grande do Sul.

Acredito, pois, que a formação de Jornalistas deve buscar tanto a formação crítica dos futuros profissionais, incentivando o pensamento e desenvolvendo a capacidade de análise de situações, quanto preparar tecnicamente os estudantes, seja nas questões práticas, seja no campo da ética e da reflexão do próprio meio jornalístico.

Dito isso, creio ser necessária a formação acadêmica para o exercício profissional. Não se trata aqui de cercear o direito de expressão dos que não possuem o título de jornalista, pois todos devem ter espaço. Mas sim que o manuseio da informação, a seleção do que é relevante e será levado a público exige uma preparação, exige discussões éticas que visem ao bem-estar social. E é na faculdade que se tem o melhor espaço para tal.

Como jornalista em formação prestes a completar o curso e com algumas poucas experiências profissionais, vejo com desânimo o mercado da mídia tradicional. Em parte pela “precarização” da profissão, como diz Ciro Marcondes, em parte pelo baixo reconhecimento salarial ao qual a categoria está submetida, e, sobretudo, ao conteúdo em geral produzido pelos grandes veículos de imprensa que, como diz Rosina Duarte, deixam de lado uma parte significativa da informação.

Pela insatisfação com o trabalho desenvolvido nos veículos tradicionais de imprensa, resolvemos procurar histórias de jornalistas que tivessem encontrado caminhos alternativos para exercer a profissão fora da grande mídia. E encontramos personagens que nos confirmam que é possível desenvolver trabalhos de formas diferentes.

Julio Ribeiro, criador e diretor da revista Press & Advertising, encontrou em sua publicação o caminho em que pudesse expressar suas opiniões sem o cerceamento de terceiros, da forma como mais achava pertinente. Além disso, pode colocar em prática o que define como seu espírito empreendedor. Consegui, também, estabilidade financeira que assegura dificilmente ser alcançável nos meios de comunicação tradicionais.

José Aveline Neto, fundador e editor da revista Gool, teve em sua publicação uma maneira de manter-se ligado a uma de suas grandes paixões, o futebol. Aliou a ele seu interesse pelo Jornalismo, que considera ter herdado do pai, João Baptista Aveline. Além de unir interesses, conseguiu sobreviver e dar uma vida digna a família como sempre buscou fazer.

Rosina Duarte encontrou na ONG Alice a oportunidade de fazer o que considera o fundamental no Jornalismo e que já percebia não ser possível na imprensa tradicional na qual trabalhava. Consegue por meio de projetos como o jornal Boca de Rua, composto por moradores de rua, pelo jornal Almanaque, feito por mulheres idosas, pelo folhetim Mariposa – uma puta história, integrado por prostitutas, entre outros, dar voz a populações esquecidas e relegadas ao silêncio pela imprensa tradicional. Rosina trava uma batalha constante pela democratização da comunicação, pela qual todos podem ter espaço de contar suas histórias, suas percepções da vida, mas também para oferecer aos leitores uma parte importante da informação que muitas vezes é esquecida. É a comunicação um direito que deve ser assegurado a todos os seres humanos.

Em comum, nossos três personagens têm a marca do empreendedorismo. Construíram meios de expressar o que consideram importante, sem resignarem-se às estruturas que já estavam montados no Jornalismo.

Em comum também têm o respeito com seus públicos, o compromisso com a informação de qualidade, que não pode estar sujeita a interesses externos.

Os três trilharam seus caminhos de formas diferentes. Rosina trabalhou na grande imprensa e, insatisfeita, migrou para a comunicação alternativa. Julio foi assessor de imprensa, trabalhou com política e só então enveredou para o negócio próprio. José Aveline partiu direto para sua publicação, da qual vive há quase trinta anos.

Prepararam-se de formas distintas para exercer o jornalismo. Rosina e Julio procuraram a formação acadêmica antes de exercerem o Jornalismo. José Aveline não se graduou. Acreditou na experiência de vida e nos aprendizados prévios para ingressar na profissão.

Os três tiveram motivações diferentes para a escolha e têm algumas visões distintas acerca de aspectos da profissão. Mesmo assim, exercem o Jornalismo da maneira como julgam mais pertinente.

São, portanto, três exemplos dignos de admiração pela luta que travaram contra o modelo já estabelecido. São exemplos de como é possível fazer diferente.

REFERÊNCIAS

- COLETIVA. **Disposição ilimitada para fazer o bem**. In Coletiva.net. Disponível em: <http://www.coletiva.net/site/perfil_detalhe.php?idPerfil=323>
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- DUARTE, Rosina. [5 de junho, 2012]. Entrevista concedida a João Ricardo Gazzaneo Schmitt
- FENAJ. Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo. 2008. Disponível em <http://www.fenaj.org.br/educacao/programa_qualidade_ensino_2008.pdf>
- FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e Jornalismo – A Saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **Formação e Ética Jornalística**. 2003. Disponível em <[http://www.fnnpj.org.br/dados/grupos/formacao-e-etica-jornalistica\[73\].pdf](http://www.fnnpj.org.br/dados/grupos/formacao-e-etica-jornalistica[73].pdf)>
- LAGE, Daniel Dore e REIS, Nathan Ramalho dos. **Exigência de diploma do curso de Jornalismo e não recepção RE 511961**. In Alethes: Periódico Científico dos Graduandos em Direito - UFJF - nº 2 - Ano 1, 2010. Disponível em: <<http://periodicoalethes.com.br/media/pdf/2/exigencia-de-diploma-do-curso-de-jornalismo-e-nao-recepcao-re-511961.pdf>>
- MELO, José Marques de. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- NETO, José Aveline. [4 de junho, 2012]. Entrevista concedida a João Ricardo Gazzaneo Schmitt
- NUNES, José. [8 de junho, 2012]. Entrevista concedida a João Ricardo Gazzaneo Schmitt
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, Cleidi. **O filho de Paris**. In Coletiva.net. Disponível em: <http://www.coletiva.net/site/perfil_detalhe.php?idPerfil=355>
- RIBEIRO, Julio. [6 de junho, 2012]. Entrevista concedida a João Ricardo Gazzaneo Schmitt
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- _____. **Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIDALETI, Karen. **Na Marca do Gool**. In Coletiva.net. Disponível em:
<http://www.coletiva.net/site/perfil_detalhe.php?idPerfil=512>